

**APRENDIZ  
POR  
ACASO  
VIKAS  
SWARUP**

Tradução  
FLÁVIA YACUBIAN

**BR  
BR  
IG  
IG**

Copyright © 2013 by Vikas Swarup

Venda proibida em Portugal.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Embora o autor trabalhe para o governo indiano, nenhuma das opiniões expressas neste romance deve ser interpretada como reflexo da visão do governo da Índia ou do autor como funcionário deste.

TÍTULO ORIGINAL The Accidental Apprentice

CAPA Claudia Espíndola de Carvalho

PREPARAÇÃO Ana Juno

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Swarup, Vikas

Aprendiz por acaso / Vikas Swarup ; tradução Flávia Yacubian. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: The Accidental Apprentice

ISBN 978-85-65530-87-3

I. Ficção norte-americana I. Título.

14-12868

CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura indiana em inglês 813.6

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparela.com.br)

# Sumário

Prólogo .....	9
O primeiro teste: <i>Amor nos tempos do Khap</i> .....	44
O segundo teste: <i>Diamantes e ferrugem</i> .....	86
O terceiro teste: <i>Sonhos trancados</i> .....	107
O quarto teste: <i>A cegueira da fama</i> .....	131
O quinto teste: <i>O Atlas da Revolução</i> .....	154
O sexto teste: <i>Cento e cinquenta gramas de sacrifício</i> .....	184
O sétimo teste: <i>Chuva ácida</i> .....	216
Epílogo .....	285
Agradecimentos .....	291

# Prólogo

Na vida, você nunca recebe o que merece: você recebe o que negocia. Essa foi a primeira lição que ele me ensinou.

Nos últimos três dias, estive tentando botar o conselho em prática, negociando freneticamente com meus promotores e perseguidores em uma tentativa desesperada de adiar a pena de morte que eles acham que eu mereço.

Do lado de fora da prisão, jornalistas rodeiam como abutres. O canal de notícias não se cansa de mim, apresentando-me como uma fábula moralizante sobre o que acontece quando ganância e ingenuidade colidem para gerar um trem desgovernado manchado de sangue chamado homicídio doloso em primeiro grau. Ficam reciclando a foto da ficha policial tirada depois da prisão. A tv Sunlight até desenterrou uma foto antiga e granulada de classe, ainda na escola em Nainital, onde estou sentada com as costas eretas na fileira da frente, ao lado da sra. Saunders, nossa professora do oitavo ano. Mas Nainital parece outro mundo agora, uma terra do nunca de montanhas exuberantes e lagos prateados, onde, certa vez, meu otimismo juvenil me levou a acreditar que o futuro era ilimitado; e o espírito humano, indomável.

Quero ter esperança, sonhar, ter fé outra vez, mas o peso desalmado da realidade me sobrecarrega a todo minuto. Sinto como se estivesse vivendo um pesadelo, presa em um poço profundo e escuro de desespero sem fim, do qual não há saída.

Sentada em minha cela abafada e sem janelas, meus pensamentos viajam para o dia fatal em que tudo começou. Embora tenha sido há mais de seis meses, ainda consigo me lembrar de cada detalhe com inabalável clareza, como se tivesse sido ontem. Em minha mente, me vejo caminhando em direção ao templo de Hanuman, na Connaught Place, naquela tarde fria e cinza...

É sexta-feira, 10 de dezembro, e o trânsito na Baba Kharak Singh Marg é o costumeiro rosnado caótico de calor e barulho. A rua está emperrada com ônibus estrondosos, carros buzinando, motocicletas lamurientas e autorriquixás gaguejantes. O céu está sem nuvens, mas o sol é invisível por trás do coquetel tóxico de neblina que sufoca a cidade todo inverno.

Visto um cardigã cinza sobre um recatado *salvar kameez* azul-celeste, após ter, prudentemente, tirado o uniforme de trabalho. É a rotina que sigo toda sexta-feira: sair de fininho do showroom durante a hora do almoço para uma pequena caminhada através do mercado até o antigo templo dedicado ao deus-macaco, Hanuman.

A maioria das pessoas vai aos templos para rezar; eu vou para expiar. Ainda não me perdoei pela morte de Alka. Parte de mim sempre acreditará que o que aconteceu a ela foi minha culpa. Desde aquela terrível tragédia, Deus tem sido meu único refúgio. E tenho uma ligação especial com a deusa Durga, que também possui um altar no Hanuman Mandir.

Lauren Lockwood, uma amiga americana, fica fascinada pelo fato de termos trezentos e trinta milhões de deuses. “Jesus, vocês hindus querem mesmo se garantir”, ela diz. Isso é um exagero, mas todo templo que se preze possui altares para ao menos meia dúzia de divindades.

Cada uma dessas divindades tem alguns poderes especiais. A deusa Durga é “A Invencível”, capaz de resolver situações de máxima aflição. Depois da morte de Alka, quando minha vida se tornou um túnel escuro de dor e arrependimento, Ela me deu força. Ela sempre está comigo quando preciso.

O templo está estranhamente cheio para uma tarde de sexta-feira, e sou levada pela confusão sem fim de devotos empurrando-se para chegar ao *sanctum sanctorum*. O chão de mármore é frio sob meus pés nus, e o ar está pesado com a mistura intoxicante de suor, sândalo, flores e incenso.

Chego à fila das mulheres, consideravelmente menor, e consigo me comungar com Durga Ma em menos de dez minutos.

Após terminar meu *darsham*, prestes a descer as escadas, uma mão pesa sobre meu ombro. Viro-me e vejo um homem me observando atentamente.

Quando um homem adulto desconhecido aproxima-se de uma mulher jovem em Delhi, o instinto leva imediatamente a mão da moça para o spray de pimenta sempre presente. Mas o estranho me olhando não é um vagabundo de rua. É um homem mais velho, vestido com um *kurta* de seda amarelada e com uma pashmina jogada sob os ombros. Claro e alto, possui um nariz aquilino, uma boca dura e resoluto, e a cabeça coroada por uma massa pesada de cabelo branco como a neve. Uma *tika* escarlate enfeita sua testa. Os dedos estão carregados de anéis brilhando com diamantes e esmeraldas. Mas são seus olhos castanhos e penetrantes que me perturbam. Parecem me analisar com uma tal retidão que considero intimidante. Esse é um homem que gosta de estar no controle.

— Posso conversar com você? — ele pergunta com uma entonação rápida.

— O que você quer? — eu respondo abruptamente, com mais gentileza que o normal, por respeito à idade dele.

— Meu nome é Vinay Mohan Acharya — ele diz, calmo. — Sou o proprietário do Acharya Business Consortium. Você já ouviu falar do Grupo de Companhias ABC?

Minhas sobranceiras se arqueiam em reconhecimento. O Grupo ABC é amplamente conhecido como um dos maiores conglomerados da Índia, produzindo de tudo, de pasta de dente a turbinas de avião.

— Tenho uma proposta para você — ele continua. — Algo que vai mudar sua vida para sempre. Você me daria dez minutos para explicar?

Eu já tinha ouvido aquelas palavras antes. De incômodos vendedores de seguro e mascates de produtos de limpeza. E todos sempre me deixavam cautelosa.

— Não tenho dez minutos — digo. — Preciso voltar ao trabalho.

— Apenas me ouça — ele insiste.

— O que é? Diga.

— Eu gostaria de te oferecer o cargo de CEO do Grupo ABC. Estou te dando a oportunidade de encabeçar um império de negócios que vale dez bilhões de dólares.

Eu sei que ele não é confiável. Soa como um charlatão, em nada diferente dos ambulantes da rua Janpath, tentando vender cintos de Rexine fajutos e caixas de lenços vagabundos. Espero pelo sorrisinho que vai me explicar que ele está brincando, mas a face do homem permanece impassível.

— Não estou interessada — digo com firmeza e começo a descer as escadas. Ele me segue.

— Você quer dizer que está recusando a oferta do século, mais dinheiro do que jamais vai ver em sete vidas? — O tom dele é penetrante, corta como um chicote.

— Olhe, sr. Acharya, ou quem quer que você seja. Eu não sei qual é o seu jogo, mas não estou interessada nele. Então, por favor, pare de me incomodar — eu digo enquanto recolho meus chinelos Bata com a senhora que cuida dos sapatos largados na entrada no templo em troca de uma pequena gorjeta.

— Sei que você provavelmente está achando que isso tudo é uma piada — ele diz, calçando um par de sandálias marrons.

— Bem, e é, não é?

— Nunca falei tão a sério em minha vida.

— Então, você deve ser de um programa de tv de “pegadinhas”. Suponho que quando eu disser “sim”, você vai apontar para a câmera secreta.

— Você acha que um homem do meu escalão faria programas de tv estúpidos?

— Bem, e não é estúpido oferecer seu império para estranhos na rua? Começo a duvidar de que você seja quem diz que é.

— Bem colocado — ele assente. — Um pouco de ceticismo é sempre saudável. — Ele coloca a mão no bolso de seu *kurta* e retira uma carteira preta de couro. Pega um cartão de visitas e me entrega. — Talvez isso a convença.

Examino superficialmente. O cartão é mesmo impressionante, feito de algum tipo de plástico semitransparente, com o logo do Grupo ABC em relevo e os dizeres “VINAY MOHAN ACHARYA PRESIDENTE” gravado em negrito.

— Qualquer um pode mandar imprimir isso por poucas centenas de rúpias — eu digo, devolvendo o cartão.

Ele retira outro pedaço de plástico da carteira e o levanta. — E isto aqui?

É um cartão American Express Centurion All-black com “VINAY MOHAN ACHARYA” gravado no rodapé. Eu vi uma dessas espécies raras apenas uma vez antes, quando um construtor exibido de Noida tinha usado para pagar uma TV Sony LX-900 de sessenta polegadas que custava quase quatrocentas mil rúpias.

— Isso não muda nada. — Dou de ombros. — Como vou saber se não é uma falsificação?

Agora já cruzamos o átrio do templo e estamos nas proximidades da rua.

— Este é o meu carro — ele diz, apontando para um veículo reluzente estacionado ao lado da calçada. Um chofer está no banco do motorista, trajando um quepe e um uniforme branco engomado. Um guarda armado, com indumentária militar, desce do banco da frente e se posiciona, atento e rígido. Acharya estala os dedos, e o homem abre a porta de trás de carro com animação. A servidão zelosa não parece falsidade; parece ter sido aprimorada ao longo de anos de subserviência incondicional. O carro, percebo com admiração, é um Mercedes Benz CLS-500 prata, que deve valer mais de nove milhões de rúpias.

— Espere um segundo — diz Acharya e se abaixa dentro do carro. Pega uma revista do banco e me entrega. — Este é meu último recurso. Se isto não convencer você, nada o fará.

É a edição de dezembro de 2008 da *Business Times*. O retrato de um homem na capa, com uma manchete flamejante: *HOMEM DE NEGÓCIOS DO ANO*. Observo a capa e, em seguida, o homem parado à minha frente. Idênticos. Não há como confundir o cabelo prateado penteado para trás, o nariz curvo e os olhos castanhos penetrantes. Estou, de fato, na presença do industrial Vinay Mohan Acharya.

— O.k. Então, você é o sr. Acharya. O que quer de mim?

— Já disse: quero que você seja minha CEO.

— E você espera que eu acredite?

— Por isso, me dê dez minutos, e eu vou fazer com que você acredite. Podemos nos sentar em algum lugar para conversar?

Olho para o meu relógio. Ainda tenho vinte minutos de almoço.

— Podemos ir até a Coffee House — digo, indicando um local caindo aos pedaços do outro lado da rua, que serve como ponto de encontro para as “classes tagarelas”, como chamamos a elite intelectual indiana.

— Preferiria o lobby do hotel Shangri-la — ele diz, com o ar relutante, mas aceitando minha sugestão de conversar na lanchonete. — Você se importa se um colega meu se juntar a nós?

Enquanto ele pronuncia a última frase, um homem materializa-se do meio da multidão de pedestres, como um fantasma, e para ao lado de Acharya. É bem mais jovem, provavelmente tem trinta e poucos anos, e se veste de forma casual, com um conjunto Reebok azul-marinho. Tem por volta de um metro e oitenta e é musculoso e rijo como um atleta. Analiso o corte à escovinha, os olhos pequenos como os de um furão e a boca fina e cruel. O nariz é levemente torto, como se já tivesse sido quebrado, e dá um toque peculiar à sua face comum. Suponho que ele devia estar seguindo Acharya o tempo todo. Mesmo agora, seus olhos atentos ficam constantemente de um lado a outro, escaneando os arredores como um guarda-costas profissional, antes de se fixarem em mim.

— Este é Rana, meu braço direito — diz Acharya, apresentando-o.

Aceno com a cabeça educadamente, tremendo sob seu olhar gelado.

— Vamos? — perguntou Rana. O rapaz tem uma voz desgastada, rouca, como folhas secas roçando o chão. Sem esperar por minha resposta, começa a guiar o caminho pela passagem subterrânea.

O cheiro forte de *dosas* fritas e café torrado ataca meus sentidos assim que passo pela porta vaivém da lanchonete. É o ambiente de uma cafeteria de hospital. Vejo Acharya torcendo o nariz, já arrependido de ter aceitado minha sugestão. Por ser hora do almoço, o lugar está cheio.

— Espera de vinte minutos, por favor — informa o gerente.

Observo Rana passar uma nota de cem rúpias dobrada e instantaneamente uma mesa de canto fica pronta. Acharya e seu lacaios sentam-se de um lado, e eu tomo a cadeira solitária oposta a eles. Rana pede bruscamente três cafés filtrados e então Acharya começa. Fita-me nos olhos, um olhar inabalável.

— Deixe-me ser sincero com você. Essa é uma aposta às escuras para mim. Então, antes de explicar minha proposta, você pode me contar um pouco sobre você?

— Bem, não há muito que contar.

— Pode começar por seu nome.

— Sapna. Sapna Sinha.

— Sapna — ele enrola a língua ao redor da palavra antes de assentir com



aparente satisfação. — Bom nome. Quantos anos você tem, Sapna, se não se importa com a pergunta?

— Vinte e três.

— E o que você faz? É estudante?

— Estudei na Universidade Kumaun, em Nainital. Agora trabalho como assistente de vendas na Gulati & Sons. Eles têm um showroom em Connaught Place para eletrônicos e utilidades domésticas.

— Já estive lá. Não é perto daqui.

— Sim. No Bloco B.

— E há quanto tempo trabalha lá?

— Pouco mais de um ano.

— E sua família?

— Moro com minha mãe e Neha, minha irmã mais nova. Ela estuda artes na faculdade de Kamala Nehru.

— E seu pai?

— Faleceu há um ano e meio.

— Oh, sinto muito. Então, você é o arrimo da família?

Assenti.

— Se não se importar em dizer, quanto você ganha por mês?

— Com as comissões, cerca de dezoito mil rúpias.

— Só isso? Você não devia estar agarrando a oportunidade de liderar uma companhia multimilionária e ganhar uma fortuna?

— Olhe, sr. Acharya, ainda estou bastante confusa com sua oferta. Para começar, por que você precisa de um CEO?

— Por quê? Porque tenho sessenta e oito anos e não estou ficando mais jovem. Deus fez o corpo humano como uma máquina com obsolescência integrada. Estou prestes a atingir minha data de validade. Antes que eu vá, quero garantir uma transição pacífica na organização de que cuido há anos. Quero garantir que eu seja substituído por alguém que acredite nos mesmos valores que eu.

— Mas por que eu? Você não tem um filho ou uma filha?

— Bem, para começar, eu não tenho mais uma família. Minha esposa e minha filha morreram em um acidente de avião há dezoito anos.

— Ah! E alguém de sua empresa?

— Procurei por toda parte dentro da companhia. Não consegui achar ninguém nem perto de estar adequado. Meus executivos são bons implementadores, excelentes subordinados, mas não vejo em nenhum deles as características de um grande líder.

— E você vê em mim? Eu não sei nada sobre como gerenciar um negócio. Não tenho nem um MBA.

— Diplomas são apenas papéis. Não ensinam como liderar pessoas, apenas como gerenciar coisas. Por isso, não fui a um instituto de administração escolher meu CEO; fui a um templo.

— Você ainda não respondeu minha pergunta: por que eu?

— Havia algo em seus olhos, um brilho que jamais vi antes. — Ele procura confirmação em meus olhos antes de desviar o olhar. — Sempre fui um observador de pessoas — ele continua, olhando ao redor, os compradores de classe média e trabalhadores de escritório sentados às outras mesas. — E de todas as pessoas que observei no templo, você parecia a mais focada. Chame de intuição, psiquismo, do que quiser, mas algo me disse que poderia ser você. Apenas *você* possuía a mistura comovente de determinação e desespero que eu procurava.

— Achava que desespero era uma característica negativa.

Ele balança a cabeça.

— Pessoas felizes não se tornam bons CEOs. Contentamento gera preguiça. É a aspiração que direciona a conquista. Quero pessoas com fome. Fome que nasce no deserto da insatisfação. Você parece ter isso.

Estou sendo levada por suas declarações arrebatadoras e suposições grandiosas. Mas a lógica por trás de sua retórica me escapa.

— Você sempre toma decisões baseadas em impressões?

— Nunca subestime o poder da intuição. Onze anos atrás, eu comprei uma fábrica cheia de dívidas na Romênia, chamada Iancu Steel. Perdia dinheiro a cada dia. Todos os meus experts desaconselharam. Diziam que eu jogava dinheiro bom atrás de mau. Mas eu me mantive firme na decisão. Fui atraído pela fábrica por causa de seu nome. Iancu significa “Deus é bom”. Hoje, cinquenta e três por cento de nossa receita de aço vêm dessa fábrica. Deus é, de fato, bom.

— Então, você acredita em Deus?

— Isto não é prova suficiente? — Ele aponta para a marca escarlate em sua testa. — A principal razão por que vim ao templo para selecionar meu sucessor é que ele deve ser tão devoto quanto eu. Estamos vivendo na Kalyug, a era sombria, cheia de pecado e corrupção. Religião não está mais na moda. Os jovens trabalhando para mim são feitos de puro consumismo. Provavelmente, não visitam um templo para rezar há anos. Não digo que sejam todos ateus, mas o deus deles é o dinheiro, primeiro e principalmente. Mas você... — Ele meneia a cabeça em minha direção. — Você parece ser o candidato devoto e temente que eu estava procurando.

— O.k., entendi. Você age por impulsos, e seu último impulso diz que eu sou a escolhida. Agora me conte: qual é a pegadinha?

— Não há pegadinha. Mas há alguns termos e condições. Você deverá passar por alguns testes.

— Testes?

— Não se preocupe, não vou levar você de volta para a escola. Uma escola apenas testa sua memória. Mas a vida testa seu caráter. Meus sete testes são rituais de passagem, pensados para medir sua valentia e seu potencial como CEO.

— Por que sete?

— Em meus quarenta anos de carreira, aprendi uma coisa: uma companhia é tão boa quanto quem a dirige. E eu concluí que as características de um CEO bem-sucedido são sete atributos básicos. Portanto, cada um dos sete testes será focado em uma das sete características.

— E o que exatamente terei de fazer para passar nos testes?

— Nada que não faria no seu dia a dia. Não vou pedir para roubar ou matar ou fazer algo ilegal. Na verdade, você nem vai perceber os testes.

— Como assim?

— Meus testes virão do livro didático da vida. A vida não nos testa todos os dias? Não fazemos escolhas todos os dias? Eu simplesmente vou avaliar suas escolhas, suas respostas aos desafios diários da vida. Isso vai revelar do que você é feita.

— E se eu falhar em algum?

— Bem, nesse caso eu precisarei procurar outra pessoa. Mas meu instinto diz que você não vai falhar. Parece uma predestinação. O maior bilhete de loteria de todos os tempos será seu.

— Nesse caso, minha decisão é bem clara: não estou interessada em sua oferta.

Ele parece chocado. — Mas por quê?

— Não acredito em loteria.

— Mas você acredita em Deus. E às vezes Deus dá muito mais do que é pedido.

— Não sou gananciosa — eu digo, levantando da mesa. — Obrigada, sr. Acharya. Foi bom conhecer você, mas eu realmente devo voltar ao show-room agora.

— Sente-se — ele ordena. Há aço em sua voz. Eu engulo em seco e sento como uma estudante obediente. — Escute, Sapna. — A voz dele fica mais suave. — Há apenas dois tipos de pessoa no mundo: vencedores e perdedores. Estou lhe dando a chance de ser uma vencedora. Tudo que peço em troca é que assine este termo de consentimento.

Ele gesticula para Rana, que faz aparecer uma folha impressa de dentro do bolso de seu conjunto Reebok e a apoia à minha frente.

Desde a morte de Alka, desenvolvi um sexto sentido para algumas coisas, um alarme que toca em minha mente sempre que a situação não é muito certa. O alarme soa enquanto eu levanto o papel. É curto, apenas cinco frases:

1. *O signatário, por meio deste, concorda em ser considerado para o posto de CEO do Grupo de Companhias ABC.*
2. *O signatário, por meio deste, permite ao Grupo ABC efetuar as checagens e os procedimentos necessários para avaliar a adequabilidade do signatário para o serviço.*
3. *Ao signatário não é permitido interromper o acordo antes de seu término, enquanto as checagens e os procedimentos necessários ainda estejam sendo conduzidos.*
4. *O signatário concorda em manter completa confidencialidade sobre o acordo ao não discuti-lo com terceiros.*
5. *Em consideração a essas condições, o signatário recebeu o valor não reembolsável de cem mil rúpias.*

— Esse termo menciona apenas a quantia de um *lakh* de rúpias — digo, comentando as condições do termo. — Você não falou em dez bilhões de dólares?

— Um *lakh* é apenas pela participação nos testes. Se falhar, poderá ficar com o dinheiro. E se passar, ganha o emprego. Asseguro que o salário de CEO terá muito mais zeros.

Agora, o alarme está soando como o de um incêndio. Eu sei que isso é uma fraude, e que Acharya já tentou esse golpe antes.

— Diga-me: quantas pessoas já assinaram isto antes?

— Você é a sétima candidata — suspira Acharya. — Mas sei em meu coração que será a última. Minha busca acabou.

— Assim como meu tempo. — Levanto decisivamente. — Não tenho intenção nenhuma de assinar este termo ou de participar de qualquer teste.

Rana responde colocando um saco com milhares de rúpias sobre a mesa. Parecem novinhas em folha, vindas direto do banco. Ele está jogando a isca, mas não me sinto tentada.

— Você acha que pode me comprar com seu dinheiro?

— Bem, isto é uma negociação, afinal — insiste Acharya. — Lembre que no negócio da vida, você nunca recebe o que merece: recebe pelo que negocia.

— Não negocio com quem não conheço. E se isso for uma armadilha?

— A única armadilha é a da baixa expectativa. Olha, eu entendo seu receio — diz Acharya, suavemente, inclinando-se para a frente com o peso sobre os cotovelos. — Mas você precisa ter uma visão menos sombria da natureza humana, Sapna. Eu sincera e genuinamente gostaria de fazer de você minha CEO.

— Você tem ideia do quanto essa conversa soa ridícula? Coisas assim acontecem apenas em filmes e livros, não na vida real.

— Bem, eu sou real, você é real e minha oferta é real. Um homem como eu não perde tempo com bobagens.

— Estou certa de que achará outros candidatos mais dispostos a aceitar sua oferta. Não estou interessada.

— Você está cometendo um grande erro. — Acharya aponta e balança o dedo para mim. — Talvez, o maior de sua vida. Mas eu não vou te pressionar. Pegue meu cartão. Se mudar de ideia nas próximas quarenta e oito horas, me ligue. A oferta ainda estará de pé.

Ele empurra o cartão de visitas para o outro lado da mesa; Rana me observa como um gavião.

Eu pego e sorrio para eles, tensa. Os dois, sem nem mesmo olhar para trás, seguem para a porta.

Minha mente gira mais rápido que um CD enquanto eu volto correndo para o Bloco B. A sensação é de alívio, como se eu tivesse escapado de um grande perigo por um fio. Olho por cima de meu ombro algumas vezes, para ter certeza de que a dupla não está me seguindo. Quanto mais reflito sobre o que acaba de ocorrer, mais fico convencida de que Acharya é um trapaceiro desonesto ou um doido varrido. E eu não quero nada com nenhuma das duas categorias.

Respiro com calma assim que volto à segurança do showroom, para meu mundo refrigerado de tvs de plasmas, geladeiras *frost free* e máquinas de lavar difusas. Banindo Acharya e sua oferta maluca da mente, recoloco meu uniforme de trabalho e começo a caça habitual por possíveis compradores. Tardes são comumente os períodos mais vagarosos para as vendas, e não há muitos consumidores competindo por atenção. Tento chamar a atenção de um comprador, com cara de confuso e barrigudo, com uma câmera de última geração full-HD da Samsung, mas ele parece mais interessado nas minhas pernas debaixo da minissaia vermelha. Quem quer que tenha criado esse modelo indecente de uniforme (suspeito que Raja Gulati, o filho imprestável do dono) queria que as vendedoras parecessem aeromoças. No entanto, como diz minha colega Prachi: “Nós recebemos as propostas, não o dinheiro”.

Para falar a verdade, não tenho de lutar contra tantos ataques lascivos quanto as outras três vendedoras. Elas é que parecem aeromoças, com o cabelo penteado, maquiagem impecável e pele radiante. Eu pareço uma propaganda para o creme Fair and Lovely, com meu sorriso esquisito e um rosto que poderia ser descrito em anúncio matrimonial como “da cor do trigo”,

um modo educado de dizer “não branca”. Sempre fui o patinho feio da família. Minhas duas irmãs mais novas, Alka e Neha, puxaram a cútis branca como leite de Ma. Eu herdei a pele mais escura de meu pai. E nesta parte do mundo, cor da pele é destino.

Apenas quando comecei a trabalhar no showroom é que descobri que ser morena e sem graça têm suas vantagens. Mulheres abastadas ficam intimidadas com competição e não suportam ter outras mulheres bonitas por perto. Sentem-se mais confortáveis comigo. E já que a maior parte das decisões sobre compras em uma família é feita pelas mulheres, eu invariavelmente alcanço minhas metas de venda mensal mais rápido que todo mundo.

Outra coisa que aprendi é nunca julgar fregueses pela aparência. Eles vêm em todos os formatos, tamanhos e trajés. Como o homem de meia-idade que acaba de entrar no showroom logo depois das três da tarde, vestido incongruentemente com um turbante e um dhoti. Parece um halterofilista, com a parte de cima do corpo enorme, braços grossos e um bigode de guidom penteado e torcido com o cuidado de uma obra de arte. Ele vaga pelos corredores como uma criança perdida, atordoado pelo brilho da loja. Como as outras vendedoras estão rindo dissimuladamente sobre as roupas e maneiras rústicas dele, o senhor se agarra a mim. Dentro de dez minutos, extraio a história de vida do homem. Seu nome é Kuldip Singh, e é o patriarca de uma próspera família de agricultores de um vilarejo chamado Chandangarh, localizado no distrito Karnal do estado de Haryana, a aproximadamente cento e quarenta quilômetros de Delhi. Sua filha de dezoito anos, Babli, vai se casar na semana seguinte e ele veio à capital para comprar alguns produtos para o dote. Outra questão é que seu conhecimento sobre máquina alcança apenas tratores e poços artesianos. Ele nunca viu um micro-ondas na vida e acha que a máquina de lavar LG 15 kg é um aparelho engenhoso para bater *lassi*! Ele também tenta barganhar pelos preços. Eu tento explicar que a loja tem preços fixos, mas ele se recusa a aceitar.

— *Dekh chhori*, olha aqui, garota — ele fala arrastado, em seu vernáculo humilde. — Temos um ditado em Haryana: por mais teimosa que uma cabra possa ser, no fim, ela sempre tem de dar leite.

Ele é tão insistente que eu convenço o gerente a dar cinco por cento de desconto. No fim, ele termina com um carregamento que inclui uma tv de plasma de quarenta e duas polegadas, um refrigerador de três portas, uma máquina de lavar, um aparelho de DVD e um aparelho de som. As outras vendedoras observam em reverência contida enquanto ele tira um grosso maço de notas para pagar sua farra das compras. O caipira do mato delas tinha se revelado um barão *shopaholic*. E eu instauro outra vez um recorde de vendas!

O resto do dia passa num borrão. Deixo a loja, como de costume, às oito e quinze, e embarco no metrô, como sempre, na estação Rajiv Chowk.

A jornada de quarenta e cinco minutos me leva para Rohini, um subúrbio classe média em crescimento, no nordeste de Delhi. Com a reputação de ser a segunda maior área residencial na Ásia, é um tentáculo barato e feio da capital, abarrotado de blocos de apartamento tristes e sem graça e mercados caóticos.

Desembarco em Rithala, na última parada da Linha Vermelha. Daqui, são vinte minutos de caminhada até a Colônia LIG no Pocket B-2 Setor 11, onde moro. De todas as comunidades de habitação de Rohini, a minha é a mais melancólica. O nome em si — L-I-G, abreviação de “Lower Income Group” [Grupo de Baixa Renda] — é um tapa na cara. Construídos pela Autoridade de Desenvolvimento de Delhi nos anos 1980, os quatro blocos de tijolo vermelho parecem com um amontoado de chaminés de fornalha, feitas de tijolo, os exteriores desfigurados e deteriorados carregam os sinais da construção ordinária do governo.

Ainda assim sou grata por morar aqui. Depois da morte de Papa, não daríamos conta de pagar nem mesmo os deprimentes apartamentos 2-ВНК que cobram aluguéis excessivos de doze mil rúpias por mês. Felizmente, não precisamos pagar aluguel algum para o B-29, nosso apartamento no segundo andar, pois pertence ao sr. Dinesh Sinha, o irmão mais novo bem de vida de Papa. Tio Deenu teve pena de nós e permite que moremos aqui de graça. Bem, não completamente de graça. De vez em quando sou obrigada a levar os filhos idiotas dele, Rolu e Golu, para um jantar chique. Não entendo por que eles precisam comer às minhas custas se o pai deles possui três restaurantes *tandoori*.

A primeira coisa que se vê ao entrar em nosso apartamento é o quadro com a foto em preto e branco de Papa pendurada no pequeno vestíbulo onde mantemos a geladeira. Decorada com uma guirlanda de rosas secas, mostra um jovem, ainda não sobrecarregado pelo peso da responsabilidade de ser um professor com três filhas pequenas. O fotógrafo foi gentil, amenizando algumas das rugas prematuras que já naquela época apareciam na testa dele. Mas ele não foi capaz de retocar o ameaçador franzido que Papa sempre fazia com a boca.

Nossa modesta sala de visitas é dominada por uma foto ampliada e colorida de Alka na parede central. Usando um extravagante chapéu vermelho, ela posa como uma das senhoras na pista de corridas do Royal Ascot. Sua cabeça está levemente jogada para trás, olhos escuros bem abertos, e os lábios esboçando um sorriso tolo. É assim que sempre vou me lembrar dela: linda, jovem e despreocupada. Todas as vezes que olho para essa foto, ouço sua ri-

sada contagiante na sala. “*Didi! Didi! Kamaal ho gaya!* Algo incrível aconteceu hoje!” Posso ouvir sua voz ansiosa me cumprimentando, pronta para despejar todos os detalhes de algum trote bobo que ela bolou na escola.

Abaixo da fotografia, um sofá verde desbotado com protetores de plástico branco imitando bordado, duas cadeiras de bambu com almofadas desgastadas e uma velha tv Videocon no alto do aparador de madeira de teca reciclada, que eu consegui comprar por uma miséria em um leilão de embaixada, complementado por quatro cadeiras parelhas.

Atravessando uma cortina de miçangas, você entra no primeiro quarto, que pertence a Ma. Tem uma cama, cercada por dois armários de roupas e um arquivo de metal, hoje usado principalmente para guardar os remédios dela. A saúde de Ma sempre foi frágil; a morte repentina da filha mais nova e a do marido devastaram-na por completo. Fechou-se em si mesma, tornou-se quieta e distante, negligenciou a alimentação, não se preocupa mais com a aparência. Quanto mais ela se esconde do mundo, mais a doença domina seu corpo. Ela agora sofre de diabetes crônica, hipertensão, artrite e asma, e precisa de viagens constantes ao hospital público. Olhando seu corpo magro e seu cabelo grisalho, é difícil acreditar que tenha apenas quarenta e sete anos.

O outro quarto é dividido por Neha e eu. Minha irmã mais nova tem apenas um objetivo na vida: ser famosa. Ela cobriu todas as paredes de nosso pequeno quarto com pôsteres de cantores, modelos e estrelas de cinema. Ela sonha em ser rica e bem-sucedida como eles. Abençoada com um rosto bonito, corpo violão e pele impecável, Neha conhece bem o potencial econômico de ter tirado a sorte grande na genética e está pronta para explorar sua beleza para obter o que deseja. Ter treinado canto com fundo sonoro para música indiana, além de ter uma ótima voz, ajuda.

Todos os garotos do bairro são apaixonados por Neha, mas ela não dá a mínima bola para eles. Já resumiu seu futuro a duas sílabas: GRAN-DE. E não está disposta a incluir ninguém do Grupo de BAIXA Renda nele. Ela passa o dia com os colegas riquinhos da faculdade, e as noites, escrevendo cartas para participar de reality shows e de concursos de talento e de beleza. Neha Sinha é a garota-propaganda das ambições grandiosas.

Ela também tem uma queda para consumo irracional, reproduzindo cegamente a moda do momento. Metade de meu salário vai para o sustento de suas necessidades em evolução constante: jeans *skinny*, *gloss*, bolsas de grife, celulares ostentosos... A lista não acaba.

Nos últimos dois meses, ela não para de me perturbar a respeito de um laptop. Mas é aí que ponho um limite: uma coisa é um cinto de oitocentos, outra bem diferente é um aparelho de trinta mil.

— Bem-vinda de volta, *didi* — Neha me cumprimenta assim que piso



no apartamento. Ela ainda dá conta de arrancar um sorriso do bico taciturno que é sua expressão de praxe sempre que eu lhe recuso qualquer coisa. — Sabe o laptop Acer que estou doida para arranjar? — Ela oferece um olhar de filhotinho que eu conheço muito bem. Geralmente, precede uma nova demanda.

— Sim — eu respondo, receosa.

— Bom, acabou de entrar em liquidação. Está disponível por apenas vinte e dois mil. Com certeza, você consegue comprar a esse preço.

— Não consigo — digo com firmeza. — Ainda assim é muito caro.

— Por favor, *didi*. Sou a única da classe sem laptop. Prometo que não vou pedir mais nada depois disso.

— Desculpe, Neha, mas simplesmente não posso. Mal estamos dando conta do básico.

— Você não pode pegar um empréstimo com a empresa?

— Não, não posso.

— Você está sendo cruel.

— Estou sendo realista. Você precisa se acostumar com o fato de que somos pobres, Neha. E a vida é dura.

— Prefiro morrer a ter esse tipo de vida. Tenho vinte anos e o que tenho para contar? Nunca nem entrei em um avião.

— Bom, nem eu.

— Então você devia. Todos os meus amigos vão passar as férias de verão em lugares como Suíça e Singapura. E nós não conseguimos ir nem pra uma cidadezinha de montanha indiana.

— Nós viemos de uma cidadezinha de montanha, Neha. Mas, enfim, laptops e viagens não são importantes. Sua prioridade número um deveria ser tirar boas notas.

— E o que notas boas vão me dar? Olha onde você foi parar depois de se formar em primeiro lugar na universidade.

Neha sempre teve a incrível capacidade de me magoar, tanto com seu silêncio quanto com suas palavras. Embora eu tivesse me acostumado às suas farpas cáusticas, essa tinha doído por sua honestidade brutal, me deixando sem palavras. É aí que meu celular toca.

— Alô — eu atendo.

É o tio Deenu, soando bem esquisito.

— Sapna *beti*, eu tenho algo importante para lhe dizer. Temo que sejam más notícias.

Preparei-me para outra morte na família. Talvez de alguma tia doente ou avó distante. Mas o que ele disse em seguida foi nada menos que uma bomba:

— Vocês vão precisar sair do apartamento em duas semanas.

— O quê?

— Sim, sinto muito, mas estou de mãos atadas. Acabei de investir em um novo restaurante e preciso de dinheiro urgentemente. Decidi colocar o apartamento de Rohini para alugar. Um corretor me ligou hoje com uma ótima oferta. Nessa situação, não tenho escolha a não ser pedir que você e sua família encontrem outro lugar.

— Mas, tio, como vamos arranjar outro lugar tão rápido?

— Vou ajudar vocês. A única coisa é: agora terão de pagar aluguel.

— Se precisaremos pagar aluguel, podemos continuar aqui.

Tio Deenu pensa a respeito.

— Suponho que isso seja razoável — ele concorda, relutante. — Mas você não vai conseguir pagar pelo aluguel.

— Quanto o novo inquilino vai lhe pagar?

— Concordamos em catorze mil por mês. Dois mil a mais do que o valor de mercado. E ele vai me pagar um depósito de um ano como adiantamento. Se você aceitar as mesmas condições, não tenho objeção que continuem.

— Você quer dizer que precisamos pagar cento e sessenta e oito mil rúpias de adiantamento?

— Exatamente. Você sempre foi boa de matemática.

— Não temos como conseguir tanto dinheiro, Chachaji.

— Então, procurem outro apartamento. — Seu tom endurece. — Tenho de pensar em minha família também. Não sou uma entidade filantrópica. Veja bem, eu permiti que vocês ficassem de graça por dezesseis meses.

— O Papa também não fez tanto por você? Você não tem nenhuma consideração por seu falecido irmão? Você quer que a família dele vá pra rua? Que tipo de tio você é, Chachaji? — Tento sensibilizar sua consciência.

A estratégia ricocheteia.

— Vocês não são nada mais que aproveitadores ingratos — ele diz, disparando sobre mim. — E escute: vamos acabar com essa conversinha de titio. De agora em diante, nosso relacionamento é estritamente de senhorio e inquilino. Então: ou você me paga a quantia completa semana que vem ou desocupem meu apartamento.

— Nos dê ao menos um pouco mais de tempo para arranjar dinheiro — imploro.

— Uma semana é tudo que têm. Paguem ou saiam — ele diz e desliga.

Minhas mãos tremem de indignação. Por um momento desejo todos os tipos de mortes lentas e dolorosas ao tio Deenu antes de narrar a conversa para as outras duas ocupantes do apartamento. Ma balança a cabeça, mais de pesar que de dor. A perversidade do mundo é algo que ela sempre aceitou sem grandes questionamentos.

— Nunca confiei naquele homem. Deus tudo vê. Um dia, Deenu vai pagar pelos pecados.

Neha está surpreendentemente animada.

— Se aquele porco está nos despejando, vamos sair deste buraco. Viver aqui me sufoca.

— E para onde iremos? Você acha que é brincadeira de criança achar outra casa?

Antes que uma nova discussão irrompa, mamãe traz o foco de volta às questões práticas:

— Onde vamos arranjar todo esse dinheiro?

A questão assoma como nuvens agourentas.

Papa não nos deixou muito. Ele limpou o fundo de pensão para financiar a primeira incursão de tio Deenu no negócio de restaurantes. E sua poupança modesta do trabalho de professor foi usada nos gastos de assentamento quando mudamos para a cidade grande. No momento de sua morte, ele mal tinha dez mil rúpias no banco.

Ma já sabia a resposta para a questão. Ela destranca o armário e retira de lá dois pares de pulseiras de ouro.

— Guardei-as para seus casamentos. Mas se precisarmos vendê-las para manter a casa, que seja. — Ela nos oferece as joias com um suspiro melancólico.

Meu coração se compadece por Ma. Desde a morte de Papa, é a terceira peça das relíquias da família das quais ela tem de se desfazer. A primeira foi para pagar a educação de Neha, depois outra para cuidar de seus próprios gastos médicos e agora para salvar o apartamento.

Um silêncio pesa sobre nosso lar quando nos sentamos para jantar. Sou assombrada por uma intensa sensação de fracasso, como se eu tivesse deixado minha família na mão quando eles mais precisavam. Nunca senti tanto a falta de dinheiro. Por um instante passageiro, a visão de todas aquelas notas novinhas sobre a mesa da Coffee House inundam a minha mente, antes que eu a dispense como uma piada de mau gosto. Como um louco como Acharya pode ser levado a sério? No entanto, ele continua circulando em meu cérebro, como uma mosca irritante.

Para satisfazer minha curiosidade, sento-me em frente ao computador depois do jantar. É um Dell de torre decrépito que resgatei quando estava prestes a ser vendido no showroom para o negociante de lixo. Um dinossauro rodando Windows 2000, mas que me permite navegar na internet, checar meus e-mails e usar o processador de texto para tabular os gastos domésticos todo fim de mês.

Acesso à internet e digito Vinay Mohan Acharya na busca. Os resultados registram um milhão e novecentas mil entradas.

O industrial está por toda a parte no ciberespaço. Há notícias sobre seus negócios, especulações sobre o valor líquido de seu patrimônio, galerias de imagens capturando seus diferentes humores e vídeos no YouTube de suas palestras em encontros de acionistas e conferências internacionais. Na meia hora seguinte, aprendo muitos novos fatos sobre ele, como sua paixão por críquete, suas ocasionais (e malsucedidas) incursões na política, a amarga rivalidade com o irmão Ajay Krishna Acharya (dono do Grupo Premier) e sua filantropia. Aparentemente, ele doa baldes de dinheiro para todo tipo de caridade e já foi duas vezes premiado com a Medalha Presidencial por ter o melhor programa de responsabilidade social corporativa. Também confirmo que ele perdeu a esposa e a filha em um acidente de avião da Thai Airways em um voo entre Bangkok e Katmandu, em 31 de julho de 1992, que matou todos os cento e treze passageiros.

Enquanto vasculho o atoleiro de informações, Acharya surge como uma personalidade complexa e conflituosa. Ele tem admiradores que o aclamam como o homem de negócios mais ético da Índia, e críticos vituperando suas idiossincrasias, seu narcisismo e sua megalomania. Mas não há questionamento sobre sua genialidade em ter transformado sozinho o Grupo ABC no oitavo conglomerado indiano com holdings em aço, cimento, têxteis, eletricidade, rayon, alumínio, bens de consumo, produtos químicos, computadores, consultoria e até filmes.

Minha pesquisa deixa uma coisa clara: o dono do Grupo ABC não é nem um doido varrido, nem um trapaceiro espertalhão. “Ao rejeitar a oferta de antemão, eu perdi uma grande oportunidade?”, penso, sentindo as primeiras pontadas de dúvida. No momento seguinte, ralho comigo mesma por deixar a esperança ingênua sobrepor o julgamento sensato. Neste mundo, nada vem de graça, lembro a mim mesma. Se uma oferta parece muito boa para ser verdade, é porque geralmente é falsa.

Ainda assim, vou para a cama com a sensação de que estou correndo contra o tempo. Sei que estou presa em um trabalho sem futuro, com um destino nebuloso pela frente. Houve um tempo, não muito distante, em que o navio de minha vida tinha direção e impulso. Agora parece sem rumo, vagando sem leme, uma semana após a outra, todo dia a mesma coisa, nada muda.

Pelo menos, meus sonhos são diferentes. Através da confusa mistura de imagens fragmentadas, lembro vividamente de estar sentada em um jatinho de luxo particular e voar sobre montanhas suíças cobertas de neve. Há um único probleminha: o piloto é o industrial Vinay Mohan Acharya.

Na manhã seguinte, começo a longa e traiçoeira jornada para o trabalho com uma atitude positiva e a mente limpa. O metrô é menos cheio nos fins de semana, mas tomo cuidado extra com a minha bolsa. Um presente de minha amiga Lauren: uma bolsa de tecido cor de canela com couro imitação de cobra bege, bem classuda, da marca Nine West. Ela traz as quatro pulseiras de ouro sobre as quais depende o futuro de minha família.

Na estação Inder Lok, um homem conhecido, com cabelo pintado e costeletas compridas, vestido em uma roupa de *khadi* irrompe no vagão. É seguido por um bando de partidários e uma gangue armada que expulsa os passageiros para criar espaço para o VIP e sua turma. O homem, aprendo com um de seus lacaios, é nosso representante local na Assembleia Legislativa, Anwar Noorani, fazendo sua “viagem semanal de metrô para se relacionar com o homem comum”. Li sobre esse cavalheiro nos jornais, como ele comanda uma rede de hospitais particulares supostamente custeadas com o lucro de *hawala*.

— Se há alguma questão local para a qual desejam chamar minha atenção, por favor, sintam-se à vontade para visitar meu gabinete eleitoral, localizado atrás do Instituto de Tecnologia de Delhi — anuncia. — Seus olhos caídos e inquietos giram pelo vagão e pousam sobre mim. — Como vai, irmã?

Evito seu olhar e finjo observar pela janela. Felizmente, ele desembarca na estação seguinte.

“Delhi é uma cidade estranha”, reflito. Aqui, status não é vestir Armani, dirigir Mercedes ou citar Jean-Paul Sartre em coquetéis. Seu status é determinado por quantas regras você consegue quebrar e quantas pessoas consegue importunar. Essa única distinção é o que torna você uma pessoa importante.

A loja está uma colmeia, como acontece em várias manhãs. Mas também é sábado, nosso dia mais cheio. Além disso, com a Copa do Mundo de Críquete chegando, nossa campanha de promoção está a toda. Esperamos que as vendas de tv de tela plana atinjam o auge nos próximos dois meses.

Um casal recém-casado aproxima-se para se aconselhar sobre qual televisão comprar. Estão em dúvida se LCD ou plasma. Não levo muito tempo para persuadi-los a levar o novo modelo de LED da Sony, com a ajudinha de uma torradeira de graça na promoção “dois por um”, mas não me dedico ao máximo. Estou distraída e impaciente, esperando pela hora do almoço.

Assim que o relógio dá uma hora, saio pela porta dos fundos, apenas para dar de cara com Raja Gulati, o playboy mais nojento de Delhi. Por algum motivo, ele está vadeando na frente do Beckett’s, um pub irlandês quase vizinho nosso. Vestido em sua jaqueta de couro, sua marca registrada, está encostado em sua moto Yamaha, contando um maço de notas. Assim que me vê, guarda o dinheiro e abre um sorriso. Baixinho e rechonchudo, com a

barba por fazer, um bigode cheio e cabelo comprido, a única coisa que Raja tem para garantir a fama é que seu pai milionário é dono do showroom. Seu único passatempo é beber e sair com mulheres. Se a fofoca do escritório estiver certa, já obteve sucesso com uma das vendedoras. Ultimamente, anda passando cantadas grosseiras em mim e na Prachi. Mas eu prefiro comer baratas vivas a ceder às investidas desse nojento.

— Olááá, o que temos aqui? A Donzela de Gelo em pessoa! — Exibe um sorriso animalesco e bate no assento da moto. — Quer dar um rolé comigo?

— Não, obrigada — respondo com frieza.

— Você tem belas pernas. — Os olhos dele descem pelo meu corpo. — Que horas elas abrem?

Sinto o calor da raiva subir pelo meu rosto, mas não é a hora nem o lugar para um confronto.

— Por que não pergunta pra sua mãe? — retruco e passo reto ao lado dele.

Ele suspira e entra no pub, provavelmente para afogar a decepção em bebida.

Sem perder tempo, sigo para a joalheria Jhaveri, no N-Block. Prashant Jhaveri, o jovem dono, foi aluno de Papa, e sempre oferece um preço justo pelas nossas peças. Espero que ele cote as quatro pulseiras aninhadas em minha bolsa a um preço bem acima de duzentos mil.

No cruzamento da Radial Road 6, o trânsito está parado por conta de alguma procissão religiosa. Há centenas de homens, mulheres e crianças em roupas cor de açafão, cantando e dançando ao som de trompetes e *dhol*. Carros buzina e pedestres fumegam, mas o grupo continua seu caminho alegre, inconscientes da inconveniência e chateação que causam. E isso é uma ocorrência diária. Delhi tornou-se uma cidade de passeatas e barricadas.

Ainda estou esperando a procissão passar quando alguém me cutuca. É um pivete de rua em um suéter maltrapilho. Não tem mais de oito anos, com a cara suja e cabelo encardido. Não diz nada, apenas estende a mão em forma de concha, o gesto universal da necessidade. Nada me incomoda mais do que ver essas crianças pedintes. Em uma idade em que deviam estar na sala de aula, não nas ruas, tentam ganhar a vida explorando a única habilidade que possuem: evocar pena. Quase nunca dou esmolas, pois elas encorajam o hábito. Pior, muitas vezes levam a vícios piores como cola, bebidas e até drogas. O que essas crianças realmente precisam é de uma chance, um ambiente solidário e uma boa dose de autorrespeito. Algo que Lauren e a Fundação Asha providenciam.

Este pedinte em particular não é facilmente dispensado.

— Não como faz dois dias. Você pode me dar um dinheiro? — ele murmura, pressionando a mão ossuda contra a barriga.

Olhando para seus olhos grandes e suplicantes, não consigo dizer não.

— Não vou dar dinheiro — falo — mas vou comprar seu almoço.

O rosto dele se ilumina. Ao nosso lado, há um ambulante vendendo *chhole kulcha* por dez o prato.

— Você quer um desse? — pergunto.

— Amo *kulchas* — ele responde, estalando os lábios secos.

Tiro a bolsa do ombro e abro o zíper para pegar o dinheiro. Neste exato instante, alguém investe contra mim por trás, agarrando a bolsa de minhas mãos. Tudo acontece tão rápido que eu nem enxergo a cara do ladrão. Tudo que vejo é movimento rápido cor de açafraão. Antes que eu perceba, ele já se misturou à multidão de devotos. Viro e noto que o menino mendigo também desapareceu. Caí no truque mais velho da cartilha.

Por um momento, permaneço imóvel, totalmente assombrada pela reviravolta dos acontecimentos. Minhas mãos estão frias e quase paro de respirar.

— Nãããão! — Solto um grito angustiado e corro para o mar de açafraão. Sou empurrada e esmagada por todos os lados, mas continuo a me embrenhar nessa parede humana na busca cega pelo ladrão.

Não encontro o culpado, mas assim que a procissão passa, acho minha bolsa jogada ao chão. Corro para pegá-la. Ainda carrega meu celular e minhas chaves de casa. Minha identidade, meu batom, meus óculos de sol e o spray de pimenta estão intactos. Tudo está lá, menos as quatro pulseiras de ouro.

Sento-me na sarjeta, sentindo tontura e náusea. Meus braços ficam pesados e moles, minha visão torna-se embaçada. Quando as coisas melhoram, percebo um policial agachado ao meu lado.

— Você está bem? — ele pergunta.

— Sim — respondo sem forças. — Alguém roubou minha bolsa.

— Então o que é isso? — Ele toca a bolsa no meu colo com seu cassetete.

— Ele... ele levou as pulseiras de ouro da minha mãe e deixou a bolsa para trás.

— Você viu o rosto dele? Pode dar uma descrição do ladrão?

— Não. Mas vocês não conhecem as gangues que atuam por aqui? Tenho certeza de que podem pegá-lo. — Agarro o braço dele como se fosse um salva-vidas. — Por favor, você tem de fazer alguma coisa. Vamos ficar arruinadas se eu não recuperar as pulseiras. Se você quiser, posso fazer um boletim de ocorrência.

— Não vai adiantar. Isso acontece aqui todos os dias. A não ser que tenha uma descrição, não podemos fazer nada. Siga meu conselho: não perca seu tempo e nem o nosso fazendo um boletim. Apenas seja mais cuidadosa com suas coisas na próxima vez.

Ele me ajuda a ficar de pé, olha com piedade e sai andando, batendo o cassetete na palma da mão.

Vasculho a bolsa desesperadamente outra vez, procurando sem esperanças que de algum modo as pulseiras apareçam, mas milagres assim acontecem apenas em contos de fadas e filmes. Minha garganta fica apertada e lágrimas escorrem por minhas bochechas enquanto minha mente absorve a magnitude da perda. Ao meu redor, as pessoas riem, comem, fazem compras, aproveitam o sol. Ninguém é capaz de entender meu tormento interno. Na infância, perdi uma boneca querida e chorei dois dias seguidos. Agora, perdi as joias mais preciosas de minha mãe. O ladrão levou mais do que apenas ouro. Levou nosso futuro.

Ainda estou chorando na calçada quando meus olhos caem sobre um outdoor gigante mostrando a temperatura e as horas. Com um choque, percebo que já se passava das duas. Madan, meu chefe insuportável, não é gentil com empregados que ultrapassam o horário de almoço. Além de ter perdido as pulseiras, estou correndo o risco de perder o emprego.

Começo a correr, meu sapato com oito centímetros de salto machuca e me faz tropeçar a todo instante, até que chego sem fôlego à loja. Exceto que o showroom não parece mais o mesmo. Vozes altas gritam, clientes assustados são pastoreados com desculpas abjetas e a persiana está sendo descida rapidamente, o equivalente a uma bandeira a meio-mastro, sinal de problema na certa.

Coloco a cabeça entre a persiana para encontrar ainda mais tumulto. Há muita gritaria e xingamentos. Acusações voam pelo ar como aviões de papel. Todo mundo parece estar reunido em volta do caixa, inclusive o sr. O. P. Gulati em pessoa, nosso venerado chefe. Alguém grita em dor agonizante. Forço o caminho pela aglomeração de office boys, funcionários do escritório, motoristas dos caminhões de entregas e o pessoal da venda para descobrir que os gritos saem do nosso caixa careca de cinquenta e cinco anos, sr. Choubey. Ele rola pelo chão, sendo esmurrado sem dó por Madan, o gerente, o homem mais odiado da loja.

— *Namak-haram*, seu filho da mãe traidor — vocifera Madan ao socar Choubey no rosto e chutá-lo na barriga.

Homem rude e desagradável, Madan tem apenas duas paixões na vida: puxar o saco do sr. Gulati e obter prazer sádico ao repreender funcionários da loja.

— Não sei como aconteceu. Fiquei fora por apenas vinte minutos na hora do almoço — o caixa lamenta, mas não pode evitar outro golpe dilacerante. Encolho-me por compaixão. Eu perdi apenas umas pulseiras de ouro; Choubey perdeu o orgulho, a dignidade.



— O que está acontecendo? — Eu cutuco Prachi. Ela conta o que aconteceu durante minha ausência. Aparentemente, o sr. Gulati fez uma inspeção-surpresa esta tarde e descobriu um déficit de duzentos mil do turno da manhã. Como o dinheiro estava sob supervisão direta do caixa, Choubey estava sendo acusado de apropriação indevida.

— Eu juro pelas minhas três crianças que não fiz isso — o caixa lamuria-se.

— Conte-me onde está o dinheiro que eu talvez lhe poupe — diz o sr. Gulati, as sobrancelhas espessas como duas lagartas tentando se encontrar.

— Madan já me revistou. Não estou com o dinheiro — berra Choubey.

— O maldito deve ter passado para o cúmplice — teoriza Madan. — Vamos entregá-lo para a polícia. Vão tirar a verdade dele rapidinho. Venho cultivando a amizade de Goswami, o inspetor da delegacia de polícia em Connaught Place, há um tempo. Agora é hora de usá-lo.

— Por favor, não faça isso, *sahib*. — Choubey agarra-se aos pés do sr. Gulati. — Trabalho nesta loja há mais de trinta anos. Minha mulher e as crianças vão morrer sem mim.

— Que morram — diz o sr. Gulati, rancoroso. — Madan, ligue para esse seu inspetor — ele ordena.

Não conheço Choubey tão bem. É um homem quieto e reservado. Nossas interações limitam-se a troca polida de cordialidades, mas sempre o considerei escrupuloso, cortês e diligente. É inconcebível que ele tenha roubado a loja. E mesmo um criminoso insensível não faz um juramento falso pelos filhos. É quando uma imagem surge em minha mente: Raja Gulati sentado na moto, ocupado com a contagem de um maço de notas. Sei que Gulati Pai não aprova as bebedeiras e o jeito mulherengo de Raja. E o filho mimado é bem capaz de atacar o caixa para financiar seu estilo de vida extravagante.

— Espere — dirijo-me a Madan —, como você sabe que o sr. Choubey é o culpado?

Todos se viram para me olhar. Madan fita-me com olhar assassino, mas se digna a responder:

— Ele é o único com as chaves do cofre.

— Não é verdade que a família Gulati também tem as chaves?

— O que está sugerindo? — interrompe o sr. O. P. Gulati. — Que eu roubei minha própria loja?

— Não estou dizendo que foi você, senhor. Mas e o Raja?

De repente, um suspiro de assombro coletivo. Eu mesma estou surpresa com minha audácia.

— Você está fora de si? — Madan tem um ataque apoplético. Raja Babu nem veio aqui hoje.

— Mas eu o vi do lado de fora, há uma hora, contando um maço de notas.

Vejo que o sr. O. P. fica abalado com a notícia. Ele torce as mãos nervosamente, mordendo o lábio inferior, ao pesar as possibilidades. Por fim, a afeição paternal prevalece:

— Como você ousa fazer uma acusação tão indecente contra meu filho — ele fustiga, os olhos brilhando de raiva. — Mais uma palavra e você será imediatamente demitida.

Viro-me em silêncio, pois sei que nenhuma argumentação vai superar o amor cego de um pai. Meia hora depois, um jipe da polícia encosta em frente à loja trazendo o inspetor Goswami, um policial alto e forte que vem recebendo trinta e cinco por cento de desconto em todas as suas compras na loja. Ele pega o acusado como um açougueiro pegaria uma galinha. Choubey vai sem protesto, sem fazer cena, como se tivesse aceitado seu destino. Observo essa simulação de justiça desenrolar-se ante meus olhos com uma raiva impotente. Choubey foi qualificado como ladrão simplesmente por ser fraco e sem poder. E Raja Gulati se safou de apropriação indevida porque é rico e tem pedigree. Sinto-me nauseada, quero vomitar. Meu corpo inteiro treme com asco de Raja e seu pai. Sei que o que aconteceu com Choubey hoje pode facilmente acontecer comigo amanhã. E, como Choubey, não seria capaz de fazer nada a respeito. Há apenas duas escolhas disponíveis aos fracos: aceitar o abuso ou ir embora, apenas para sofrer nas mãos de outra pessoa poderosa.

Acharya tinha razão. O mundo é de fato dividido entre vencedores e perdedores. Pessoas como os Gulati são vencedores, e tipos como Choubey e eu somos os perdedores.

A vida gira em torno de poucos momentos-chave. Este é um deles. Aos poucos, mas sem cessar, um nó vai apertando meu estômago. Abro minha bolsa e pesco o cartão de visitas de Acharya. O alarme soa em minha cabeça novamente, mas eu já não me importo mais. Um perdedor não tem nada a perder. Respiro fundo e digito o número do cartão no celular.

Uma voz feminina cuidadosamente modulada atende:

— Grupo ABC. Como posso ajudar?

— Eu gostaria de falar com o sr. Vinay Mohan Acharya.

— Quem gostaria?

— Sapna Sinha.

Espero ela perguntar: “Sapna quem?”, e ser passada para dúzias de departamentos, mas, em vez disso, ela diz:

— Por favor, aguarde, senhora.

E quase imediatamente Acharya surge na linha, como se estivesse esperando por minha ligação.

— Fico feliz por ter ligado — ele diz.

— Decidi aceitar sua oferta.

— Bom — ele diz. Não há risinho triunfal ou regozijo do tipo “Eu sabia”. — Venha ao meu escritório às seis horas em ponto. O endereço está no cartão.

— Mas meu serviço vai até... — eu começo, apenas para ser interrompida.

— Seis — ele repete, e é o fim da conversa.

Olho para o endereço no cartão. A sede do Grupo ABC fica no Kyoko Chambers, na rua Barakhamba, não muito longe de Connaught Place. Olho para as horas. São três e quinze. Tenho menos de três horas para me preparar para a reunião que pode mudar minha vida.

Madan, nosso chefe tirânico, é conhecido por não permitir que funcionários saiam antes da hora. Em se tratando de um sábado, menos ainda. A não ser que eu invente uma desculpa plausível.

Às cinco e meia, abordo Madan com um olhar desesperançado.

— Senhor, minha irmã acabou de ligar. Minha mãe está tendo outro ataque de asma. Preciso levá-la ao hospital. Posso ir embora agora?

O gerente enrugou a cara como se tivesse cheirado algo ruim.

— Já estamos sem caixa, não posso ficar sem uma vendedora também.

— Mas se algo acontecer com a Ma...

Deixo a implicação no ar. No panteão indiano, a Mãe é o ideal máximo, ao lado de Deus. Mesmo Madan não arriscaria o opróbrio de tornar um empregado órfão de mãe.

— Vá, então — ele diz resignadamente, cedendo à minha chantagem emocional.

Dez minutos mais tarde estou sentada em um autorriquixá, a caminho da rua Barakhamba. Ainda de uniforme — blusa branca e saia vermelha —, pois fui contra o confortável, porém casual, *salvar kameez*. Afinal, estou indo para uma reunião de negócios, não a um encontro de família.